

Valorização das Bandas de concerto

As bandas civis, na generalidade, desenvolveram-se de acordo com factos que, embora de natureza diversa, eram coincidentes, como, nomeadamente, a democratização da cultura, na sequência das ideias liberais providas da Revolução francesa e o “choque tecnológico” resultante do aperfeiçoamento e da invenção de novos instrumentos musicais, referindo-me à invenção do pistão e às famílias dos saxhornes e dos saxofones.

Foi efectivamente na segunda metade do Século XIX, vivendo-se em Portugal o período histórico a que se chamou “Regeneração”, que as bandas civis começaram a surgir na sequência do estabelecimento em 1822 (e restabelecimento em 1828) da Sociedade Philarmónica Lisbonense, graças à iniciativa do compositor João Domingos Bomtempo inspirado pela criação, em Londres, da London Philharmonic Society.

Por todo o Portugal se foram criando sociedades filarmónicas com o objectivo de divulgação musical através da constituição de agrupamentos musicais, muitos dos quais ainda existem.

É curioso anotar que havia pelo menos duas bandas em cada localidade, suportadas por políticos antagonistas que tinham naquelas importante suporte eleitoral.

Por outro lado, o avanço tecnológico, nomeadamente a invenção do “pistão” e de novos sistemas de chaves para os clarinetes e para as flautas, veio facilitar a aprendizagem da música o que levou à constituição de conjuntos de instrumentos de sopro.

A generalidade das bandas de música foram, pois, criadas como meios de participação musical em actos de natureza extra-musical (como a participação em actos religiosos) ou actos de puro entretenimento, como abrilhantar arraiais, arruadas e desfiles.

A “função cultural” que hoje queremos atribuir às nossas Bandas estava muito afastada ..

O repertório usado nestes primórdios terá sido, inicialmente, repertório “local”, isto é, composições de gente da própria banda e do seu regente, nomeadamente marchas de desfile e de procissão, danças e canções populares; a pouco e pouco foram-se generalizando arranjos de música popular já com melhor elaboração técnica; apareceram depois as transcrições de peças orquestrais (aberturas e selecções de óperas, de zarzuelas e, também, outros trechos das orquestras) que permitiam a apresentação das bandas em concerto (entronca aqui o conceito da actividade cultural das Bandas).

Esta evolução do repertório teve como consequência o desenvolvimento das Bandas, permitindo a fixação da sua constituição instrumental pelo menos em termos regionais/nacionais, embora ainda hoje se verifique falta de uniformidade . *(Não abordarei a discussão de como devem ser constituídas as bandas de concerto)*

Mas também foi causa do descrédito e da sua pouca aceitação como órgão artístico e cultural. Com efeito as bandas pretendiam ser organismos imitadores das Orquestras sinfónicas de que tocavam o respectivo repertório .

Sem estar em causa a qualidade técnica das mencionadas transcrições, às bandas de música, civis ou militares, não deve competir o papel secundário de imitadoras das orquestras que têm os instrumentos de corda como naipes-âncora. A questão deve ser posta em termos de Estética; ao pretenderem tocar trechos sinfónicos para os quais não estão preparadas, por terem sido compostas para instrumentos diferentes, as Bandas, militares e civis, estarão a prestar um mau serviço à cultura .

Como já referi, durante muito tempo as bandas desempenharam um papel mais voltado para os aspectos lúdicos (arruadas, procissões, bailaricos).

Afigura-se-me, porém que tal papel tem vindo a perder importância Julgo por isso que o futuro reservará às bandas civis amadoras um papel importante como órgãos culturais, divulgadores de música apropriadamente escrita.

Para que esta função seja cumprida torna-se necessário, por um lado, que as bandas se apetrechem com meios técnicos e humanos que as tornem aptas a divulgar repertório de nível estético elevado, escrito especificamente para este tipo de agrupamento musical e, por outro lado, que consigamos impor que as bandas deixem de ser consideradas “Filarmónicas de aldeia” mas sim como agrupamentos possuidores de um universo tímbrico sui-géneris que deve ser considerado com a mesma importância com que as orquestras o são !

A banda “marcial” deve, pois, transformar-se em “banda de concerto” ou “orquestra de sopros”!

A banda de música, como nós a entendemos, não é habitualmente reconhecida como um órgão artístico que deve ter o mesmo estatuto que outros agrupamentos, (orquestras, quartetos etc., etc.)

Afigura-se-me haver um estigma fundamental que é o de sermos considerados como amadores, isto é, não profissionais Somos “filarmónicos”... adjectivo que já teve conotação perjurativa. (Ainda recentemente um chefe político referiu que não era “chefe de banda” ,,,)

Há razões – talvez não muito boas – que conduziram a esta situação que consubstancia um isolamento dentro do mundo musical!

Não quero deixar de referir que na base desta “não consideração” estará a ignorância do que é uma banda moderna

Daí a necessidade de sermos nós, os que pertencemos a este mundo musical, por muitos considerado de 2º. Categoria, a lutar para que as bandas venham a ocupar o lugar que merecem no panorama musical do nosso País, isto é, em igualdade e não em inferioridade com os outros agrupamentos artísticos.

Que podemos então, fazer para ultrapassar este estado de coisas?

O compositor norte-americano Gunther Schuller, numa alocução feita num congresso de bandas, deixou-nos algumas linhas de actuação no sentido de valorizarmos o papel que às bandas deve competir. Tentarei, por isso, adaptá-las à realidade portuguesa e à situação das nossas bandas.

Aquele maestro aponta três caminhos convergentes para a valorização das bandas e, conseqüentemente, para a sua aceitação pelo mundo musical

- A) - maior “profissionalismo” das bandas, isto é, demonstrar a integridade musical das bandas.

O mundo da música em que estamos inseridos é quase exclusivamente amador, sendo as bandas apoiadas por Sociedades Filarmónicas que facultam aos seus associados a possibilidade de praticarem a arte da música. Assim, em vez de “profissionalização” prefiro considerar o conceito de maior integridade que conduz à seriedade de existência das Bandas.

Hoje, como antigamente, a prática da música constitui uma forma activa de ocupação saudável de tempos livres, sendo fonte de prazer próprio de quem põe em comum com os seus iguais, os seus talentos artísticos e técnicos o que lhes permitirá um mais rico e diversificado preenchimento não só das suas vidas como das de terceiros.

Acresce que actualmente os jovens que procuram na prática da música uma ocupação saudável de tempos livres, possuem um grau de escolaridade e de literabilidade bastante mais elevado em termos de relação ao passado.

Dentro deste conceito de seriedade as bandas devem reforçar o seu papel como instituições de carácter cultural sem, todavia, deixarem de preservar o que, da tradição, valer a pena.

Deve-se, pois repensar a maneira de se ser Banda de música, aqui e agora, no sentido de dar sustentabilidade ao desenvolvimento que felizmente em algumas zonas do País as bandas começam a ter.

Há pois que dignificar a acção das bandas de música através de atitudes e comportamentos que conduzam à sua valorização.

B – Constituição de orquestras “sinfónicas” (de sopros) ou a questão do nome.

Tenho evitado referir as nossas Bandas como “Bandas filarmónicas”,

Na verdade o termo “banda filarmónica” tem ainda alguma carga perjurativa! Convirá, por isso, substituí-lo por nome mais apelativo como, por exemplo, “banda de concerto”, ou banda sinfónica. (Para ser “banda sinfónica” uma banda não necessita de ter violoncelos e baixos de corda, ao contrário do que ouvi recentemente num programa de rádio : a Banda da PSP é sinfónica por que tem violoncelos e contrabaixos de corda ; se também tivesse violinos e violas de arco seria então um orquestra sinfónica e não uma banda...Julgo que há algum pretenciosismo de alguns chefes de banda que não ajuda nada à valorização destas...

As bandas devem, também, apetrechar-se com equipamento que lhes permita responder correctamente aos requisitos técnicos e tímbricos requeridos pelos compositores das obras que executam. A sua integridade como o órgão musical passa, também, por aqui.

Hoje em qualquer banda civil existem músicos amadores de grande qualidade. Apresentá-los como solistas ou formar conjuntos de câmara- dentro do conceito de Wind ensemble definido por Frederick Fennell – será, também uma forma de valorizar as bandas.

C)– Escolher repertório específico para banda

Será talvez o mais importante aspecto a considerar.

Já fiz anteriormente uma rápida incursão pelo repertório que as bandas tocavam, em que as transcrições de peças orquestrais ocuparam um lugar privilegiado.

Então, não havia alternativa e essas transcrições e adaptações deram às populações, a possibilidade de escutarem muito boas obras musicais.

Os tempos, porém, são outros e já não haverá grande justificação para se insistir nesse repertório que embora de qualidade, foi escrito para outros tipos de agrupamentos musicais.

Por outro lado o acesso à fruição da música está tremendamente facilitado pela moderna tecnologia quer seja a rádio, a televisão, os CDs, os DVDs, etc.

Pode-se dispor actualmente de muito e bom repertório escrito originalmente para banda por compositores de alto gabarito que vêm nestes agrupamentos uma nova forma de darem corpo à sua arte.

A associação de várias bandas no sentido de encomendarem conjuntamente trechos musicais a compositores de alto gabarito, contribuirá também para a valorização das bandas.

Não deveremos deixar que seja considerado haver uma separação da música para banda da música para outro qualquer agrupamento. Há apenas Música que deve ser executada pelo tipo de agrupamento para o qual foi escrita!

A organização de Festivais e de encontro de bandas em moldes que visem a valorização artística das bandas de concerto, é outra forma em que a dignificação ds bandas pode assentar. (*Festival EDP*)

São estes os caminhos propostos por Gunther Schuller que adaptei à nossa realidade.

Recomenda ainda Gunther Schuller : *“devemos, , organizarmo-nos numa força maior que agite o estabelecimento, fazendo-o ciente da nossa existência, da nossa qualidade e integridade musical e da seriedade dos nossos propósitos!”*

Em resumo, proponho que sejam interiorizados como objectivos genéricos das Bandas de concerto :

De ordem cultural :

- Suprir necessidades em matéria de música de qualidade e contribuindo positivamente para a vida musical do nosso País;
- Divulgar composições originalmente escritas para Banda de Concerto;
- Manter elevada qualidade de execução musical ;
- Criar agrupamentos de câmara para divulgação de repertório próprio e para melhor expressão musical individual e colectiva.

De ordem social :

- Continuar a ser o ponto de encontro de pessoas, sem distinção de profissões, raças ou credos, apenas unidas pelo desejo de participarem conjuntamente na criação artística ;
- Introduzir nas vidas dos seus componentes a elevação espiritual que decorre da sua participação na criação colectiva de obras sonoras de qualidade ,
- Constituir fonte de prazer para os que põem em comum os seus talentos musicais na criação de obras musicais de elevada qualidade;
- Descobrir e desenvolver talentos musicais que possam seguir vias profissionalizantes ;

- Promover o divertimento através da música

Tenho a esperança de que seremos capazes de estimular novas energias, de assumir mais consciência do papel cultural e criar novo orgulho nas capacidades das bandas de concerto que permita assegurar-lhes um lugar ao sol no universo da vida musical do nosso país.

É pois, preciso agitar o “status quo”, trazendo ao mundo das bandas o “establisement” do mundo musical convencional.

Se não formos nós a conquistarmos o nosso território, ninguém o fará por nós e estaremos condenados a continuar a ser cidadãos musicais de segunda categoria.

As bandas de música têm o direito de serem dignificadas !

As atitudes que conduzem à sua valorização e ao seu reconhecimento como participantes *valiosos* na vida musical do nosso País devem ser tomadas pelas próprias bandas que para isso devem assumir um comportamento “missionário”, como disse Frank Battisti.

Cito, também, Donald Hunsberger que no seu ensaio “The wind ensemble” opina :

“Actualmente a Banda de concerto atingiu um estado de desenvolvimento que reflectindo temendo crescimento nas últimas quatro décadas, promete um futuro promissor como meio de produzir concertos.

Testemunhamos inúmeras encomendas de novas obras, sentimos a fresca brisa de inovadoras performances técnicas e ainda assim muitos maestros continuam fora deste progresso com os olhos e os ouvidos voltados para o passado

É minha impressão de que esta restrita aderência às actividades tradicionais das bandas não é suficiente para projectar actividades sérias no futuro, no sentido de incrementar níveis musicais mais elevados.

O primeiro modo como os músicos e as audiências podem aceitar a banda de concerto como um meio artístico sério é através da mesma abordagem qualitativa em termos de performance e de repertório praticada pelas Orquestras, pela Ópera, pelos quartetos de corda, pelos corais etc.”

A finalizar julgo que a efectivação, o aprofundamento e a generalização de algumas das ideias apontadas, a busca e a divulgação de outras, poderão contribuir para a melhoria quer da qualidade, quer da imagem, quer do papel das bandas de concerto, civis e amadoras, as quais pela sua função cultural, educativa e social na promoção da arte musical e, também pela salutar ocupação, consciente e responsável, de elevado número de cidadãos, merecem o reconhecimento da comunidade nacional.

O prestígio das bandas conduzirá, também, ao prestígio da Música e da Cultura Portuguesa !

Humberto Biu

Lisboa, 17 de Março de 2006